

Muito boa sua crônica. Sempre sensivelmente atento às nuances das circunstâncias. Não é à toa, lembrando Goethe em conversa com Eckermann, que só se faz boa poesia, no caso, experimentando as circunstâncias. Em sua crônica, apreendemos o contexto em que vive o autor, o quanto sente a dura realidade em que vivemos nesse nosso país, pois não se via também apaixonado pela nova Shirin, *desnudando a situação das mulheres, dos homens, dos jornalistas presos, dos escritores censurados, dos advogados presos por defenderem os injustiçados, envolvendo nossa atenção e pedindo-nos ajuda?* Sim, *Para quê?* pergunta-se, logo nos oferecendo a resposta invertida: *Em última instância, para que, respeitando o direito dos outros, tenhamos assegurado também o respeito aos nossos próprios.*

Certamente, como supõe, o olhar de R. Pahlavi em direção ao sol, *naquela terrazza italiana*, reavia um *pouco de sua perdida pátria*; morreu, como supõe, muito provavelmente de *saudade*, a *hünzüi* da cultura islâmica. Pamuk, no livro *Istambul Memória e Cidade*, escreve um capítulo inteiro sobre esse sentimento. Diz que essa palavra turca, que expressa melancolia, tem raiz árabe; no Corão, tem o mesmo sentido que o turco contemporâneo, o mesmo que Maomé usara no ano em que perdera a mulher, Hatice, e o tio: *sensação de perda espiritual profunda*. Pamuk, entretanto, define a *hüzün*, alargando o seu campo conceitual; define-a como a *paixão negra* da melancolia; etimologicamente, a *melaina kole* de Aristóteles. Daí penso que podemos compreender o *banzo* dos negros como essa *dor negra* que a raça experimentava, no mesmo sentido que carregam, especialmente, os *Istanbullus*. Pamuk diz que o ponto de partida de sua análise do termo parte da emoção que uma criança pode sentir quando olha uma janela embaçada. Para ele, não se trata da melancolia de uma pessoa solitária, mas de *uma disposição sombria compartilhada por milhares de pessoas*. Trata-se, segundo ele, da *hüzün* de toda a cidade. R. Pahlavi, como bem observou, com certeza, *naquela gelada montanha das Dolomitas*, manifestava a *hüzün* da cultura islâmica, e,

claro, do mesmo modo como a sentiam os Istanbulus! Pamuk diz que sentir essa *hüzün* é ver as cenas, evocar as memórias em que a própria cidade torna-se a exata ilustração, a essência mesma, da *hüzün*. Cita inúmeros exemplos que a traduzem, entre outros: *os fins da tarde quando o sol se põe mais cedo; as velhas barcas de passageiros do Bósforo amarradas em estações desertas no meio do inverno; as sirenes dos barcos gritando ao meio do nevoeiro; as construções das casas, cujas tábuas todas rangiam, mesmo quando eram casas de paxás; as mulheres olhando para a rua através de suas cortinas enquanto esperam os maridos que jamais conseguem chegar em casa no começo da noite; as muralhas das cidades em ruínas desde o fim do Império Bizantino; os mosteiros de dervixes, e tantos outros. Pamuk diz que esse sentimento é exclusivo de Istambul. Discordo! Aí tem o excelente exemplo dos negros com sua paixão negra...*

Dulcinea Santos
Recife, 21 de junho de 2011